

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL – CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Juliana Schreiner

**O IMAGINÁRIO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA SOBRE A DOCÊNCIA
COM TEMÁTICAS FEMINISTAS DURANTE O GOVERNO BOLSONARO**

Feliz

2022

JULIANA SCHREINER

**O IMAGINÁRIO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA SOBRE A DOCÊNCIA
COM TEMÁTICAS FEMINISTAS DURANTE O GOVERNO BOLSONARO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado junto ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Giovani Forgiarini Aiub

Feliz

2022

Juliana Schreiner

**O IMAGINÁRIO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA SOBRE A DOCÊNCIA
COM TEMÁTICAS FEMINISTAS DURANTE O GOVERNO BOLSONARO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado junto ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em 16 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Giovani Forgiarini Aiub (orientador)

Profa. Dra Gláucia da Silva Henge - IFRS

Profa. Dra Luciana Iost Vinhas - UFRGS

Dedico este texto à minha família, em especial, à minha mãe. E também a todos aqueles que resistem e lutam por uma Educação questionadora.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento e escrita deste trabalho tornaram-se possíveis através do suporte e participação de diversas pessoas que direta ou indiretamente se fizeram presentes neste período de escrita e que forneceram apoio tanto durante a realização do trabalho quanto do curso de Letras.

Por fornecer amor incondicional, suporte e equilíbrio em todos os momentos, agradeço imensamente a minha família: Áquila, Fernanda, Fernando e Cleiton. À minha mãe, com especial carinho, agradeço pela luta constante para proporcionar mais possibilidades a nós do que as que lhe foram oportunizadas; agradeço pelo cuidado e por ser essa presença insubstituível em minha vida.

Ao meu orientador, Giovani Aiub, agradeço por me apresentar à Análise do Discurso ao longo do projeto de pesquisa, e me conduzir pelos conceitos da teoria propondo reflexões significativas sobre a vida, a sociedade e a educação que, com certeza, estarão sempre comigo.

Àqueles cuja presença tornaram as noites de aula mais leves e, se não leves, pelo menos engraçadas, Maria Luiza, Sílvia e Maicon agradeço pela amizade, pela parceria, pelos conselhos e conversas que tivemos durante os momentos que compartilhamos.

Agradeço, ainda, às professoras Luciana Iost Vinhas e Gláucia da Silva Henge por aceitarem participar da banca avaliadora deste trabalho.

Por último, agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul por me oportunizar uma formação acadêmica essencialmente significativa e vinculada aos aspectos sociais que perpassam o ato de ser professor no Brasil.

“[...]”

*Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa*

Pai

*Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
De muito gorda a porca já não anda (cálice)
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta (cálice)
Essa palavra presa na garganta*

“[...]”

(BUARQUE, 1978a)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender qual é o imaginário dos professores da rede pública sobre o feminismo e, além disso, quais são os efeitos causados pelo discurso do atual governo Bolsonaro na prática pedagógica destes professores. Para isso, filia-se à análise do discurso materialista que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento de análises linguísticas entrelaçadas àquilo que é exterior à língua: a história e a ideologia. Ao longo da elaboração do trabalho, foram entrevistados professores de escolas públicas, estaduais e municipais, da cidade de Farroupilha. Estas entrevistas apresentaram recortes de discursos sobre feminismo e, sobre elas, os professores tiveram a oportunidade de manifestar suas identificações e desidentificações com o movimento. A partir das análises feitas foi possível perceber um afastamento das práticas docentes com temáticas feministas, influenciado por dizeres do então presidente Jair Bolsonaro e membros de seu governo.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Prática Docente. Feminismo.

ABSTRACT

This work aims to understand what is the perception of public school teachers about feminism and, in addition, what are the effects caused by the discourse of the current Bolsonaro government in the pedagogical practice of these teachers. For this, it is affiliated with the French line of discourse analysis, which, in turn, enables the development of linguistic analysis intertwined with what is external to the language: history and ideology. Throughout the development of the work, teachers from public, (state and municipal) schools in the city of Farroupilha were interviewed. These interviews presented clippings of speeches about feminism and, about them, the teachers had the opportunity to express their identifications and disidentifications with the movement. From the analyzes carried out, it was possible to perceive an absence from teaching practices with feminist themes, influenced by sayings of the then president Jair Bolsonaro and members of his government.

Key words: Discourse Analysis. Teaching Practice. Feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dimensões do Sujeito	30
Figura 2 - Sara Winter	34
Figura 3 - Captura de tela da notícia mencionada	35
Figura 4 - Criança com cartaz	36
Figura 5 - Postagem de Bolsonaro no Facebook	37
Figura 6 - Postagem de Marco Feliciano no Facebook	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FEMINISMO, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA	17
2.1 A PRIMEIRA ONDA: O INÍCIO DE UMA LUTA COLETIVA.....	19
2.2 A SEGUNDA ONDA: “O PESSOAL É POLÍTICO”.....	20
2.3 A TERCEIRA ONDA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO.....	22
3 ANÁLISE DO DISCURSO, FEMINISMO E PRÁTICA DOCENTE: UMA RELAÇÃO ENTRE “EVITAR”, “FREAR”, “TOMAR CUIDADO” E SUBVERTER.....	27
3.1 ASPECTOS TEÓRICOS.....	27
3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	33
3.3 MOVIMENTO ANALÍTICO	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES	53
Apêndice 1 – Perguntas para as entrevistas.....	53
Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e informado	59

1 INTRODUÇÃO

O Feminismo pode ser interpretado de diversas formas, a depender das várias vertentes feministas, oriundas de diferentes objetivos e desigualdades ao redor do mundo e ao longo da história. Portanto, é de modo generalizador que propomos aqui o entendimento de Feminismo como “todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e discriminação da mulher e que, além disso, exija a ampliação de seus direitos civis e políticos” (DUARTE, 2019, p. 26). Dessa forma,

O feminismo luta para acabar com a opressão sexista. E, assim, está necessariamente comprometido com a erradicação da ideologia de dominação que permeia a cultura ocidental em seus vários níveis, bem como com uma reorganização da sociedade em decorrência da qual o autodesenvolvimento das pessoas possa ter primazia sobre o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materiais (hooks, 2019, p.56)

Entre reivindicações amplas ou específicas, é valioso postular que o movimento feminista desencadeou transformações fortemente positivas na vida das mulheres, principalmente, mas também dos homens que vivem em nossa sociedade sob um sistema político enraizado nas relações patriarcais.

Essas transformações feministas ocorreram sobretudo no âmbito de reformas políticas propostas em direção à construção da igualdade de gênero em várias áreas da sociedade. Apesar de inúmeros avanços, as reformas realizadas não parecem representar uma diminuição significativa da exploração e opressão machista. Muitos princípios e concepções sexistas permaneceram imaculados, enquanto grupos antifeministas, politicamente conservadores, vêm conseguindo com certa facilidade abalar e danificar as transformações sociais construídas a partir das reformas feministas. Essas ameaças não encontram dificuldades em se sustentar, uma vez que

Ele (o feminismo) mudou nossa forma de ver o mundo, de trabalhar e de amar. E mesmo assim o movimento feminista não produziu uma revolução sustentável. Não acabou com o patriarcado, não erradicou o sexismo nem a exploração e opressão sexistas. Em consequência, os ganhos feministas estão sempre em risco. (hooks, 2019, p.20)

Ao redor do mundo, muitos movimentos políticos conservadores¹ têm sido tomados por correntes de pensamento voltadas a reduzir ou eliminar as realizações dos movimentos feministas, a impedir o reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos, a vedar a aprovação de projetos que visem a equidade de gênero e a revigorar concepções de mundo arroladas à valores religiosos, reacionários e autoritários.

Estes ataques se materializam também por meio de cerceamentos de políticas públicas que envolvam a abordagem das temáticas de gênero em sala de aula. Estes grupos, por estarem presentes, entre outros espaços, nas instituições legislativas, além de criarem barreiras para impedir projetos progressistas², se aliam em torno de proposições desatualizadas que surgem com objetivo de censurar a presença do movimento feminista na Educação.

No Brasil, a investida contra os movimentos sociais e sua abordagem nas escolas emergiu através do Projeto de Lei³ (PL) Nº 867, de 2015, apresentado pelo deputado federal Izalci Lucas Ferreira⁴, do PSDB do Distrito Federal, e foi intitulado Programa Escola Sem Partido. Ao longo do texto do PL são apresentados sete princípios que a educação nacional deve atender, entre os quais está o “direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções” (BRASIL, 2015, p. 02). Além disso, há um anexo que lista os deveres dos professores em sala de aula que, de acordo com a proposta, deve ser impresso em formato de cartaz e fixado nas dependências das escolas de modo que fiquem visível a professores e estudantes. Estes deveres são bastante incisivos no que diz respeito às questões de convicções políticas, ideológicas, morais; e adotam uma postura frente à docência que é a de desconfiança, suspeição e investigação. A justificativa apresentada no texto é a de que:

¹ Movimentos que emergem da recente ascensão de grupos de extrema direita radical.

² Por exemplo, a previsão de distribuição gratuita de absorventes femininos para estudantes de baixa renda e pessoas em situação de rua, que era a principal medida determinada pelo Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual (Lei 14.214), e foi vetada pelo presidente Jair Bolsonaro. Além disso, o Projeto de Lei (PL 2538/2019) que obrigava os profissionais de saúde a registrar no prontuário médico de pacientes mulheres, e comunicar à polícia em 24 horas, indícios de violência contra mulher também foi, integralmente, vetado pelo presidente.

³ Um projeto de Lei é um documento que propõe um conjunto de normas, elaborado por um parlamentar ou senador, que tem como intuito tornar determinadas ideias lei. Inicialmente, trata-se de uma proposição que pode ou não ser aceita pelos demais membros do órgão legislativo.

⁴ Izalci Lucas Ferreira é um contador, professor e político brasileiro. Atua como deputado federal desde 2008.

É fato notório que professores e autores de livros didáticos vêm-se utilizando de suas aulas e de suas obras para tentar obter a adesão dos estudantes a determinadas correntes políticas e ideológicas; e para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral – especialmente moral sexual – incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais ou responsáveis (BRASIL, 2015, p. 04).

Essa descrença em relação a atuação dos docentes, junto do debate sobre uma “necessária” neutralidade na Educação, foi reanimada a partir da eleição de Jair Messias Bolsonaro (na época filiado ao Partido Social Liberal) para presidente, em 2018. Em função de sua forte filiação a movimentos ultraconservadores e de extrema direita, temas como o financiamento da educação, a figura de professores e professoras, a laicidade da escola pública, as questões de inclusão e diversidade, foram tomados por Bolsonaro e seus ministros como objetos de ataque e perseguição. Mesmo a aparente unanimidade da Academia em postular Paulo Freire⁵ como símbolo da educação foi rejeitada pelos membros do governo.

Ainda antes das eleições, Bolsonaro e seus apoiadores já defendiam os ideais presentes no Projeto de Lei Escola Sem Partido. Esse apadrinhamento dos princípios do PL ficou explicitado no plano de governo que Bolsonaro publicou durante a campanha para presidente. O documento denominado ‘O Caminho da Prosperidade’, propunha para a área da Educação uma mudança de conteúdo e método de ensino das escolas públicas, com “mais matemática, ciências e português, SEM DOCTRINAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO PRECOCE” (BOLSONARO, 2018, p. 41). Além disso, mais adiante no documento, há a afirmação de que a modernização do conteúdo deve ser feita “expurgando a ideologia de Paulo Freire, mudando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), [...] e a própria questão de disciplina dentro das escolas. [...] Um dos maiores males atuais é a forte doutrinação” (BOLSONARO, 2018, p. 46).

O discurso que joga os professores em uma zona negativa em que são vistos como doutrinadores, inimigos da inocência dos adolescentes, demonstra uma estratégia de submeter as comunidades escolares e a sociedade a um desespero moral, produzindo uma falsa imagem da docência. Com efeito disso, fomentam o

⁵ De acordo com um levantamento feito em 2016 por Elliot Green, através do *Google Scholar* – ferramenta de pesquisa para a literatura acadêmica - Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado do mundo em trabalhos da área de humanidades. Além disso, a obra ‘Pedagogia do Oprimido’, reunindo mais de 1 milhão de ementas de estudos universitários americanos, ingleses, australianos e neozelandeses, foi o único livro brasileiro a entrar na lista dos 100 livros mais pedidos em universidades de língua inglesa pelo mundo conforme indica levantamento realizado pelo projeto Open Syllabus.

autoritarismo que se opõe e censura a apropriação da cultura e do conhecimento de forma independente e autônoma, e demonstram estar aliados a um

projeto de arruinar as escolas a partir de dentro. Intimidação, perseguições e censura ao professorado, anti-intelectualismo, revisionismo histórico, negacionismo científico, militarização, movimentos antiescola, moralismo, machismo, misoginia, transfobia, intolerância religiosa, racismo – violência como currículo e ódio como pedagogia. Esse caldo pútrido, engrossado pela chegada de Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto é fermentado lentamente nas escolas e universidades brasileiras (CÁSSIO, 2019, p. 18).

A escola não existe externa ou além da sociedade e, portanto, o processo de ensino-aprendizado deve se dar através da interação com as contrariedades e os problemas do mundo. O governo Bolsonaro, em comunhão com os ideais do movimento Escola sem Partido, provoca danos no vínculo que há entre a apreensão das situações e movimentos sociais e o aprendizado dos saberes socialmente construídos e acumulados pela humanidade. Além disso, o presidente e seus aliados parecem acreditar que o processo de ensino-aprendizagem seja neutro e puramente técnico, mas, como nos diz Freire:

Neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como é erro tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades (FREIRE, 1996, p. 99).

Esse intenso e subjetivo processo de ensino e aprendizagem não deve estar direcionado somente ao ato de distribuição e compartilhamento de informações técnicas e objetivas. Para além disso, a educação, o ‘estar na escola’ deve constituir os estudantes em sujeitos críticos, íntegros, empoderados e capazes de reivindicar seu lugar no mundo.

Portanto, percebendo a necessidade emergente da luta por direitos para a população feminina e o papel que a educação tem para esta luta, este trabalho busca entender qual é a percepção dos professores da rede pública sobre o feminismo e, além disso, quais são os efeitos causados pelo discurso do atual governo Bolsonaro na prática pedagógica destes professores.

Para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida, foi elaborado um questionário contendo perguntas nas quais professores entrevistados pudessem se posicionar acerca dos movimentos feministas e dos discursos políticos de membros do então governo de Jair Bolsonaro. Importa postular que este trabalho entende que é através da Língua que o sujeito se constitui e materializa sua ideologia, sua historicidade. Nesse sentido, Coracini afirma:

Falar ou escrever, ler ou ouvir em qualquer língua significa produzir sentido e isso só se dá a partir da história de cada um, das vozes (experiências, reflexões, outras leituras, discussões, valores, crenças) que, pouco a pouco, vão constituindo e alterando a subjetividade (CORACINI, 2003, p. 154).

Para as entrevistas foram elaboradas perguntas norteadoras e as respostas para estas perguntas constituíram o arquivo para a análise. Dessa forma, durante as análises feitas a partir das respostas dos professores, não coube trabalhar a Língua fechada em si, como um código a ser aplicado ou uma ‘ferramenta de comunicação’, mas sim tomar o conceito de Língua enquanto materialidade do discurso, pois “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2020, p. 13). E, foi por buscar o movimento discursivo das respostas recebidas durante as entrevistas, que a Análise de Discurso (AD), de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, passou a constituir o trabalho teórico-metodológico das análises propostas.

A AD entende que “é no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito” (LEANDRO FERREIRA, 2010). Dessa forma, distancia-se das abordagens linguísticas tradicionais, sobretudo, no que diz respeito aos conceitos de língua, historicidade e sujeito. Importa para a Análise do Discurso não só considerar o sujeito (interpelado, assujeitado ideologicamente e produto de determinações), mas admitir, portanto, a existência da falha e da falta, que emergem das análises subjetivas, como objeto simbólico, de maneira a desconectar-se da concepção de língua enquanto estrutura fechada, objetivada, padronizada e homogênea.

Para tratar do sujeito, é preciso puxar também os fios da linguagem e da ideologia, que se encontram imbricados na mesma urdidura. Esse ponto de entrelaçamento que forma nós comuns que se sustentam uns aos outros marca

o terreno próprio da análise do discurso nos moldes em que foi concebida pelos filósofos, psicanalistas e linguistas. Talvez seja justamente essa mistura tão instigante que distinga essa abordagem discursiva das demais correntes linguísticas, quer textuais ou, até mesmo, as que também se denominam discursivas (LEANDRO FERREIRA, 2010).

O que justifica este trabalho é o fato de que ele, ao perceber que a educação é condicionada ideologicamente e também forma de intervenção no mundo, busca entender de que maneira os sujeitos se posicionam em relação ao discurso político e, portanto, como este discurso produz efeitos. Enquanto estudante de licenciatura, futura educadora, é condicionante à formação docente pensar criticamente sobre movimentos sociais e seus efeitos no processo educativo. Além disso, este trabalho, ao explicitar os discursos atrelados ao governo de Jair Bolsonaro, busca expor as inseguranças com as quais os professores vêm convivendo diariamente. O texto aqui apresentado tem a intenção de ser uma denúncia, mas também funcionar como forma de resistência, para somar-se às muitas vozes que clamam por justiça social.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, no capítulo 2 apresenta-se uma síntese histórica do movimento feminista e cada uma de suas ondas, juntamente com o levantamento de um arcabouço teórico que indica qual é a concepção de educação assumida no texto. Na sequência, o capítulo 3 explicita os conceitos da análise do discurso, a organização teórico-metodológica das análises propostas, além das Sequências Discursivas (SDs) recortadas do arquivo constituído. Finalmente, o último capítulo propõe algumas considerações desenvolvidas a partir da realização deste trabalho.

2 FEMINISMO, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA

Não é possível identificar quem concebeu ou onde surgiram as primeiras ideias relacionadas à libertação das mulheres, nem se considera, para este trabalho, que essa informação seja essencial. Antes disso, o fato relevante é que em toda parte, durante diferentes épocas e contextos, mulheres estavam em luta contra o sexismo⁶. Desde o momento em que essas mulheres se encontraram com outras e perceberam que compartilhavam aflições semelhantes, suas lutas passaram a ser coletivas e desdobraram-se posteriormente em Movimento Feminista. A partir desse desdobramento, passaram juntas a desafiar a concepção de que o gênero deveria designar o papel das mulheres dentro da sociedade.

Historicamente, os movimentos por libertação feminina ocorreram nos mais diversos lugares do mundo, porém a maioria dos registros históricos destas reivindicações tratam dos eventos próprios ao Ocidente.

Por volta dos anos 1700, as mulheres eram consideradas inferiores aos homens em aspectos culturais, sociais e intelectuais. Esta ideia, arcaica e intensamente assumida na época, era sustentada pela Igreja Católica, “já que a mulher é origem do pecado, é preciso, então, controlá-la. Reduzi-la a um objeto que todos possam controlar para manter um ideal de pureza e bem-estar para todos (principalmente dos homens)” (AVILA e VINHAS, 2022, p. 168).

Com o avanço das décadas, houve um forte crescimento da indústria e do comércio em alguns países o que gerou profundas mudanças sociais. Essas mudanças reafirmaram a acentuada divisão entre os papéis sociais definidos por gênero. Dos homens esperava-se que fossem responsáveis pela esfera pública do trabalho e da política, enquanto as mulheres eram impelidas a permanecer na esfera privada do “lar”. Uma grande transformação na indústria, no entanto, possibilitou avanços positivos para a causa feminina: o desenvolvimento da possibilidade de produzir impressões em massa. Este crescimento proporcionou a publicação de jornais, panfletos, romances e poesia; e a disseminação de informações e novas

⁶ A redatora Roanna Azevedo sintetiza o conceito de sexismo como “um conjunto de práticas discriminatórias baseadas em gênero e na reprodução de modelos binários de comportamento. Ele pode se aproximar da crença de que os homens são superiores às mulheres, mas não se resume a isso. As ideias sexistas estão diretamente ligadas à instituição dos papéis de gênero na sociedade, definindo de que forma homens e mulheres devem se portar apenas por serem homens e mulheres.” (AZEVEDO, 2021)

ideias que foram absorvidas por mulheres privilegiadas, membros de classes altas e financeiramente abonadas, as quais era possível ter acesso a esses materiais. Algumas delas, apesar das ainda intensas restrições sociais, passaram a escrever, expressando suas reflexões sobre o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade.

Algumas movimentações sociais e políticas em particular foram determinantes para avivar a expansão daquilo que hoje conhecemos como movimento feminista: O iluminismo, a revolução francesa e as revoluções norte-americanas. Na Europa, filósofos iluministas propuseram questionamentos em relação a tirania de sociedades baseadas em privilégios herdados de reis, nobres e da igreja. Eles debatiam a favor da igualdade, da liberdade e dos “direitos do homem”, o que por vezes excluía as demandas das mulheres. Enquanto isso, nos Estados Unidos, as mulheres estavam envolvidas nas revoluções que tornaram o país independente da Grã-Bretanha em 1783. Durante o período em que duraram as revoluções, em uma carta escrita ao marido, Abigail Adams, esposa do segundo presidente dos Estados Unidos (John Adams) clamou aos pais fundadores que “se lembrassem das damas” nas mudanças revolucionárias; ela disse:

I long to hear that you have declared an independency. And by the way in the new Code of Laws which I suppose it will be necessary for you to make I desire you would Remeber the Ladies, and be more generous and favourable to them than your ancestors. Do not put such unlimited power into the hands of the Husbands. Remeber all Men would be tyrants if They could. If perticular care and attention is not paid to the Ladies we are determind to foment a Rebellion, and will not hold ourselves bound by any Laws in which we have no voice, or Representation⁷ (ADAMS, 1776).

Outro exemplo desta posição de reivindicação do espaço da mulher na sociedade ocorreu na França, com a publicação da ‘Declaração dos direitos da mulher e da cidadã’ pela dramaturga, defensora da democracia e ativista política Olympe de Gouges⁸. O documento clamava por igualdade de direitos legais para homens e

⁷ “Anseio por ouvir que vocês declararam a independência. E, por sinal, no novo código de leis que imagino que seja necessário vocês redigirem, desejo que se recordem das mulheres e sejam mais generosos e favoráveis a elas do que foram seus ancestrais. Não depositem poder tão irrestrito nas mãos dos maridos. Lembre-se, todos os homens seriam tiranos se pudessem. Se cuidado e atenção especial não forem dedicados às mulheres, estamos determinadas a fomentar uma rebelião. Não nos consideraremos na obrigação de obedecer a quaisquer leis em que não tenhamos voz, nem representação.” (Tradução minha)

⁸ Além das pautas relacionadas a emancipação das mulheres, Olympe dedicou-se também a argumentar a favor da igualdade racial, advogando em prol da abolição da escravidão. Aos 45 anos, em 1793, ela foi guilhotinada após ser condenada sem ter tido direito à defesa.

mulheres. Além dela, em 1772, a filósofa e escritora britânica Mary Wollstonecraft publicou a 'Reivindicação dos direitos das mulheres' que clamou para que elas tivessem acesso à educação e ao trabalho, argumentando contra a diferença natural entre homens e mulheres e identificando a opressão doméstica a qual as mulheres eram submetidas como a principal barreira que as inibiam de viverem vidas independentes.

No Brasil, “urgia levantar a primeira bandeira, que não poderia ser outra que o direito básico de aprender a ler e escrever (então reservado ao sexo masculino)” (DUARTE, 2019, p. 27). Em 1827, portanto foi criada a primeira legislação que autorizava a abertura de escolas públicas femininas, ainda que com significativas diferenças em relação aos conteúdos dos quais tinham acesso os homens.

Historicamente, a partir do momento em que essas lutas passam a ser definidamente coletivas e, de certa forma, organizadas, podem ser identificadas três ‘ondas’⁹ principais do Movimento Feminista – apesar de muitos grupos já assumirem o levante de uma quarta onda nos últimos anos. Cada um destes eventos históricos surgiu a partir de estímulos específicos, embora sempre baseados nos alicerces de libertação feminina, e produziram movimentos de evolução constante com ampliação de conquistas e objetivos.

2.1 A PRIMEIRA ONDA: O INÍCIO DE UMA LUTA COLETIVA

A primeira onda do feminismo é referida na história como o período que vai, aproximadamente, da metade do século XIX ao início do século XX. Conforme mulheres do mundo todo observavam aspectos da sua vida e as relações de subalternidade a que estavam submetidas e compartilhavam internamente e externamente (através do contínuo desenvolvimento da indústria de impressão) suas angústias e insatisfações emergia um movimento pela reivindicação de direitos iguais na educação, política e economia. Neste momento, é possível afirmar o início da divulgação de um discurso feminista, uma vez que “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2014, p. 46).

⁹ Estes momentos do feminismo são chamados, via de regra, de ondas pois, assim como as ondas marítimas, estas “começam difusas e imperceptíveis e, aos poucos (ou de repente), se avolumam em direção ao clímax – o instante de maior envergadura, para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar” (DUARTE, 2019, p. 26).

Por volta dos anos 1840, as exigências (de expoente norte-americano e europeu) por direitos foram canalizadas no que se tornou uma campanha de base ampla (às vezes dividida) pelo sufrágio. Às vezes dividida pois o feminismo nunca foi um movimento unificado e homogêneo. As mais diversas abordagens políticas que se constituíram a partir de diferentes contextos e reivindicações fizeram com que emergissem padrões variados de militância que, frequentemente, se demonstram conflitantes.

As feministas da primeira onda distribuíram-se em diversas frentes de protesto. na Grã-Bretanha, por exemplo,

as ativistas Caroline Norton e Barbara Bodichon orquestraram ataques a leis que mantinham as mulheres, principalmente as casadas, em um papel de subordinação. seus esforços resultaram no Ato de Causas Matrimoniais de 1857, que forçou os homens a provarem o adultério da esposa no tribunal (nos casos em que essa acusação era feita) e permitiu às mulheres denunciarem os maridos por crueldade ou abandono, seguido por dois atos de propriedade de mulheres casadas, sendo que o segundo, de 1882, garantiu a elas o direito de ser dona de uma propriedade (MCCANN, 2019, p. 44).

Em ritmo parecido, na Rússia e na Alemanha, as feministas socialistas – influenciadas pelos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels – como Alexandra Kollotai e Clara Zetkin relacionavam diretamente a opressão às mulheres com as questões de classe que só poderiam ser superadas através de uma revolução socialista.

As mulheres negras e sua dupla opressão – de gênero e etnia - só passou a fazer parte dos debates da primeira onda feminista no final do século XIX em diante, e ainda de forma superficial e excludente, uma vez que, mesmo depois de alcançado, o direito feminino ao voto ainda era frequentemente restrito por nível de educação, etnia e classe.

2.2 A SEGUNDA ONDA: “O PESSOAL É POLÍTICO”

A segunda onda, que emergiu através das novas gerações de garotas que haviam tido acesso à educação, foi caracterizada pelo aumento da circulação de estudos e textos de conteúdo feminista que questionavam a organização tradicional da sociedade. Nesse momento, diferentes mulheres com posições sociais diversas passaram a constituir o movimento e, apesar de partirem da premissa geral de que homens e mulheres devem ser igualmente respeitados, os objetivos específicos da

luta ainda variavam. Apesar das divergências, a expressão 'O Pessoal é Político'¹⁰ é até hoje entendida como síntese do pensamento que emergiu com esta onda feminista.

Mais radical que a onda anterior, este movimento floresceu entre os anos 1960 e 1980, influenciado por ideias que haviam começado a se desenvolver depois da segunda guerra mundial. Ampliando a percepção das desigualdades entre homens e mulheres, as militantes deste período analisavam mais profundamente todos os aspectos sociais vetados às mulheres como presença política, desenvolvimento livre da sexualidade e possibilidade de ocupar todos os espaços. Essas ativistas deslocaram o conceito de feminismo como reivindicação por direitos iguais para feminismo como demanda por libertação das estruturas de poder que as mantinham oprimidas. O aspecto social e político do movimento, portanto, delineia novas percepções das mulheres sobre si e sobre seus "papéis" até então tidos como naturais e inevitáveis.

Estas novas percepções, por sua vez, possibilitaram uma distinção entre sexo biológico e gênero como uma construção social que - apresentada pela primeira vez em 1949 por Simone de Beauvoir - teve um enorme impacto no desenvolvimento da segunda onda. Com base nesta nova perspectiva, escritoras feministas como Betty Friedan e Germaine Greer, passaram a argumentar que a biologia de uma mulher não deve determinar sua vida. Essas autoras descreveram e contestaram a imagem da feminilidade idealizada imposta às mulheres e as incentivaram a desafiar estes estereótipos impostos

Além disso, as mulheres filiadas a esta segunda onda levantaram questões de sexualidade mais profundamente do que havia sido feito anteriormente, trazendo para o debate a reivindicação por direitos reprodutivos que incluíam desde a nova pílula anticoncepcional ao acesso livre e seguro ao direito do aborto.

As feministas da segunda onda também intensificaram o combate ao estupro e à violência doméstica, sob o argumento de que estas práticas além de oprimir suas vítimas diretas, alimentam um processo de relativização da violência em relação às mulheres.

Feministas que lutavam por direitos iguais continuaram o trabalho da primeira onda, concentrando-se em garantir remuneração igual entre homens e mulheres.

¹⁰ Cunhado por Carol Hanish em um texto de 1969.

Relacionada diretamente a isso estava uma campanha global por Remuneração para Trabalhos Domésticos, que começou na Itália, em 1972, e chamou atenção para o trabalho não remunerado das mulheres como mães e donas de casa.

2.3 A TERCEIRA ONDA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO

Com muitos direitos básicos já conquistados e constitucionalmente afirmados, a terceira onda do movimento feminista abarcou pensamentos e correntes distintas, que, em determinados aspectos, entravam em conflito. Antigos debates sobre o que é ser mulher reascenderam, e novos tópicos também foram inseridos às pautas (como as questões de abuso sexual, violência psicológica, cargas dobradas de trabalho...). Além disso,

no ano de 2000, foi organizada a Marcha Mundial de Mulheres, um movimento feminista internacional que contou com a adesão de seis mil grupos de mais de 150 países e que produziram um documento assinado por 5 milhões de pessoas, entregue de forma simbólica à ONU. Dentre as principais reivindicações estavam o enfrentamento da pobreza e da violência contra as mulheres. A Marcha seguiu, desde então, organizada de forma global e com atividades nacionais. No Brasil, este ano também marcou a primeira Marcha das Margaridas, que reuniu cerca de 20 mil agricultoras, quilombolas, indígenas, pescadoras e extrativistas que lutam contra a fome, a pobreza e a violência sexista e defendem o desenvolvimento sustentável, a justiça social e a democracia (ZIRBEL, 2021).

Ao fim da década de 1980, algumas feministas, como Susan Faludi, nos EUA, começaram a notar uma poderosa reação contra o feminismo. Antifeministas argumentavam que as mulheres haviam conquistado igualdade de oportunidades na educação e no emprego e que, em função destas conquistas, estavam começando a “castrar” os homens de seus espaços exclusivos. A mídia tradicional, coordenada majoritariamente por homens, reproduzia comentários sobre uma suposta era pós-feminista, em que mulheres já não precisavam lutar por igualdades, uma vez que haviam conquistado seu espaço social.

As ativistas desta época discordavam dessa visão. Mesmo reconhecendo as conquistas do feminismo da segunda onda, desejavam ir além dessas conquistas, o que exigia empenho para lidar com um novo catalisador de desigualdades: a ascensão da filosofia de direita do neoliberalismo.

Outro debate alçado durante esta terceira onda foi o levantado pela escritora norte-americana Naomi Wolf e sua teoria do "Mito da Beleza", na qual ela argumenta contra estereótipos de beleza idealizados e vendidos pelo marketing e por agências de modelos. Na sua opinião, as mulheres estavam sendo impelidas por forças comerciais masculinas a direcionar suas energias para um ideal impossível de ser alcançado.

A terceira onda do feminismo caracterizou-se pela ascensão de novas teorias sobre os conceitos de sexo e gênero. A filósofa e feminista Judith Butler publicou em 1990, "Problemas de Gênero" no qual desenvolveu a teoria de que o gênero – que ela definiu como fluido - age de acordo com expectativas culturais, criando a ilusão de identidades binárias.

Atualmente¹¹ o conceito de 'Feminismo' aparenta estar superficialmente definido, porém é perceptível que, a variar entre diferentes vertentes teóricas e linhas de pensamento, o termo produz uma série de sentidos que, algumas vezes, inclusive se demonstram ambíguos e enigmáticos. Inclusive, é possível afirmar que

definições sem critério praticamente esvaziaram o significado do termo. O "sem critério" se refere aqui ao fato de que qualquer mulher que deseja igualdade de gênero, qualquer que seja sua perspectiva política (ela pode ser uma conservadora de direita ou uma comunista nacionalista), pode se apresentar sob o rótulo de feminista (hooks, 2019, p.55).

Apesar disso, é possível definirmos o feminismo como a tomada de consciência das mulheres, enquanto coletivo social, da exploração, dominação e opressão a que foram e são submetidas como membros de sociedades patriarcais. Essa tomada de consciência provoca uma busca pela liberdade de ser, agir e viver sem as limitações que lhes foram impostas. O feminismo, portanto, é articulado na sociedade com a forma de uma filosofia política e, também, uma forma de estar no mundo. Além disso, "ao enxergar o feminismo como um compromisso político, estamos nos contrapondo ao feminismo enquanto mera identidade individual e estilo de vida" (hooks, 2019). Esse movimento abrange uma série de perspectivas e seus efeitos são tão amplos que se torna difícil identificar cada uma de suas decorrências na sociedade

¹¹ É possível entender conceituar, com base em propostas teóricas recentes, os movimentos atuais como 4ª onda do Feminismo.

(modificações no funcionamento da indústria, reformulações dos modelos de trabalho, o decréscimo na taxa de natalidade...).

O feminismo é uma lanterna que mostra as sombras de todas as grandes ideias gestadas e desenvolvidas sem a participação das mulheres e muitas vezes à custa das mesmas: democracia, desenvolvimento econômico, Estado de Bem-Estar Social, justiça, família, religião. As feministas empunham esta lanterna com orgulho por ser a herança de milhões de mulheres que partindo da submissão forçada - enquanto eram atacadas, ridicularizadas, vilipendiadas - souberam construir uma cultura, uma ética e uma ideologia nova e revolucionária para enriquecer e democratizar o mundo. Esta é a luz que ilumina os quartos escuros da intolerância dos preconceitos e dos abusos (GARCIA, 2011, p. 14).

Além de iluminar e denunciar preconceitos e opressões, “Para que o movimento feminista contra a opressão existente possa progredir, para que possamos transformar nossa realidade atual, esses impulsos revolucionários precisam moldar de forma espontânea e livre nossa teoria e nossa prática.” (hooks, 2019, p.237). Sendo assim, esse movimento de busca por igualdade de direitos e oportunidades deve estar presente no processo educacional de crianças e adolescentes, através de políticas públicas que insiram a abordagem dessa temática em sala de aula. A finalidade dessa inserção é possibilitar a meninas e meninos a oportunidade de conhecer seus direitos e deveres, bem como romper com preconceitos que, muitas vezes, são incutidos nos jovens através de suas famílias.

Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem eu era e o que eu deveria ser. A escola era o lugar onde eu podia esquecer essa noção e me reinventar através das ideias (hooks, 2017, p.11).

Esta característica da luta feminista de ‘trazer-à-luz’ atitudes e posicionamentos sexistas, e o perfil revolucionário do movimento, que faz com que estruturas tradicionais de poder sejam questionadas a fim de que se construa uma sociedade culturalmente transformada, é um dos (prováveis) motivos da perturbação que indivíduos e grupos conservadores sentem em relação ao movimento. Estes grupos, por objetivarem a manutenção destas estruturas tradicionais, vêm sendo cada vez mais resistentes às conquistas e avanços feministas.

Estas tensões entre os coletivos que apoiam estes movimentos e coletivos que os atacam chegam ao ambiente escolar e nele se manifestam de diferentes formas¹². Isso acontece porque o ambiente escolar não é neutro; funcionários, alunos, pais e professores não são seres neutros. Cada um, a variar pelas suas realidades e interpelações ideológicas, produz diferentes interpretações sobre as movimentações sociais e políticas. Se não for assim,

se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente a sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar adaptado a ele e sem ter dele consciência (FREIRE, 2021a, p. 19).

O desenvolvimento desta reflexão de que fala Freire é fundamental para a luta dos movimentos sociais, em especial o Feminismo. Isso significa que o processo de educação precisa ser livre para passar por uma transformação que abranja essa possibilidade de construção da criticidade e, conseqüentemente, superação de preconceitos e desigualdades, uma vez que

as ameaças à educação brasileira exigem a nossa energia para pautar um debate público que, infelizmente, tem se mostrado quase sempre superficial e perigosamente homogêneo, dominado pelos discursos eficientistas do empresariado e de suas assessorias educacionais. A luta por escolas públicas democráticas, inclusivas, laicas e com liberdade de ensinar depende da nossa disposição para defender projetos educacionais radicalmente democráticos ante o que hoje, na educação brasileira, ganha evidentes contornos de barbárie. É preciso desbarbarizar a educação (CÁSSIO, 2019).

E “desbarbarizar” a educação pressupõe ter consciência dos problemas estruturais que impedem docentes de atuar sem cerceamentos (muitas vezes velados) que os impeçam de agir “a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais” (FREIRE, 1996, p. 100) e pela construção de espaços pedagógicos que possibilitem

¹² Um exemplo é o fato de uma deputada estadual eleita por Santa Catarina, Ana Carolina Campgnolo (PSL) ter orientado, através de suas redes sociais, que alunos enviassem à um contato telefônico disponibilizado por ela vídeos de professores que estivessem fazendo ‘manifestações ideológicas’ em sala de aula. Também em suas redes, Campgnolo se diz antifeminista e defensora do projeto ‘Escola sem Partido’.

o desenvolvimento crítico dos estudantes que, percebendo o lugar que ocupam no mundo, possam agir a fim de romper com a estrutura dominante.

Por este motivo, o próximo capítulo apresenta alguns pressupostos da Análise do Discurso e Sequências Discursivas de Referência produzidas por Jair Bolsonaro que são representativas do discurso machista. Além disso, serão mobilizadas Sequências Discursivas produzidas por professores da educação básica.

3 ANÁLISE DO DISCURSO, FEMINISMO E PRÁTICA DOCENTE: UMA RELAÇÃO ENTRE “EVITAR”, “FREAR”, “TOMAR CUIDADO” E SUBVERTER

A AD é uma teoria constituída por uma complexa e vasta trama de conceitos que, entrelaçados, permitem ao analista desenvolver análises a partir de redes de significações históricas e ideológicas. Neste capítulo, inicialmente, serão apresentados alguns destes aspectos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, aqueles dos quais são mais diretamente mobilizados a partir das Sequências Discursivas dos professores entrevistados para a construção do corpus discursivo, sobre o qual tratará a próxima seção.

Além disso, serão apresentadas algumas Sequências Discursivas de Referência (SDR) que possibilitarão exemplificar a forma-sujeito de uma Formação Discursiva Conservadora. Estas SDRs serão contrastadas com as Sequências Discursivas dos professores entrevistados que, por sua vez, estão vinculadas a uma Formação Discursiva do Feminismo na Escola. Além disso, interessa explicitar que o exercício de análise aqui proposto representa uma das possibilidades de interpretar o “arquivo construído” (AIUB, 2012)¹³.

3.1 ASPECTOS TEÓRICOS

Para entender qual é a imagem que os professores da rede pública fazem sobre o feminismo e, além disso, quais são os efeitos causados pelo discurso do atual governo Bolsonaro na prática pedagógica destes professores – objetivo deste trabalho -, importa construir uma análise entrelaçada àquilo que é exterior à língua, da ordem da história e da ideologia, inescapáveis aos sujeitos. Ordem essas que a linguística e a gramática tradicional deixam de considerar ao ficarem estritas aos elementos internos do texto (ou, quando muito, ao contexto imediato de produção do discurso). Estas teorias assumem concepções de língua como instrumento a ser aplicado

¹³ De acordo com Aiub (2012, p. 73), “o arquivo formado a partir de um corpus experimental também é, redundantemente falando, material de arquivo. A minha sugestão aqui é chamar esta “coleta” de material para análise de *arquivo construído*. Trata-se de um registro de modos de dizer de um tempo atual. Diferente de um arquivo institucional, este material não pode fornecer práticas discursivas de outros momentos senão daquele no qual estão sendo materializados os dizeres.”

conforme a situação de uso, como um “objeto asséptico, de onde todo e qualquer elemento que não seja interno, próprio ao sistema linguístico, nela não encontra lugar e dela deve ser excluído” (INDURSKY, 2010). Assim, excluem do processo analítico o sujeito e as condições de produção do discurso; o que as torna insuficientes para a elaboração da análise que aqui se propõe.

Em contrapartida, a Análise do Discurso, ao entrelaçar a linguística à psicanálise e ao materialismo histórico, se constitui como uma “espécie de antidisciplina, uma desdisciplina” (ORLANDI, 1996, p. 25). A AD questiona a linguística com relação à transparência da língua, propondo uma ruptura com as dicotomias saussurianas, principalmente a divisão da linguagem em língua/fala, uma vez que essa divisão descarta os aspectos sociais inerentes a linguagem. Orlandi sintetiza bem as rupturas que a AD projeta quando diz que

se a linguística deixa para fora a exterioridade (que é o objeto das ciências sociais) e as ciências sociais deixam para fora a linguagem (que é o objeto da linguística), a AD coloca em questionamento justamente essa relação excludente, transformando, por isso mesmo, a própria noção de linguagem (ORLANDI, 1996, p. 26)

Para a Análise do Discurso “os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz” (ORLANDI, 2020, p. 28). E, ao trazer ao escopo teórico-metodológico das análises essas condições de que fala Orlandi (ou seja, a exterioridade da língua), a AD mobiliza um conceito substancial: o de condições de produção do discurso. Essa concepção abrange tanto os sujeitos quanto as situações sócio-histórico-ideológicas nas quais eles estão inseridos.

Na análise que este trabalho propõe, as condições de produção do discurso dizem respeito ao momento político que o país está vivendo¹⁴ – um intenso levante dos ideais políticos e sociais de uma extrema direita radical e conservadora – a qual inclui uma crescente desvalorização dos professores, além de ataques a profissão do

¹⁴ Com a eleição do novo presidente Luís Inácio Lula da Silva, há novas perspectivas progressistas para todos os campos de atuação social, mas principalmente para o campo da educação que foi tão atacado nos últimos anos.

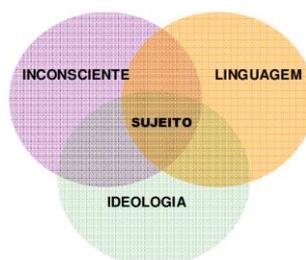
educador, uma vez que este passou a ser visto como doutrinador político de crianças e jovens.

É importante postular que, para a Análise do Discurso, os sujeitos envolvidos no processo discursivo são entendidos como uma posição a ser ocupada, não são considerados, portanto, como uma presença física, de ordem empírica. Em todas as situações sociais, históricas e ideológicas, os sujeitos ocupam lugares e estes lugares também condicionam seu discurso e produzem efeitos de sentidos a partir dele. Na escola, essas posições também são definidas, uma vez que,

pensando na instituição escolar, há um imaginário de posicionamento hierárquico que organiza em um esquema piramidal que localiza, diretor, professor e aluno na qual prevalece a ideia de dominância e subordinação entre um nível da pirâmide e outro. Desse modo, essa representação imaginária de “lugar” social vai determinar de que forma se fala e de que maneira se recebe aquilo que foi dito. (BRANDÃO, 2004, p. 44)

E é por este motivo – o de o lugar social determinar de que forma se fala e de que maneira aquilo produz sentidos – que a AD entende o conceito de discurso como efeito de sentidos entre interlocutores. E, portanto, o discurso, uma vez materializado nos textos, é o objeto da AD, o que possibilita observar os movimentos dos processos de interpelação ideológica dos sujeitos.

Sujeito e ideologia exercem uma relação de entrelaçamento, sendo assim impossível assumir que os sujeitos são homogêneos, centrados e “donos” do seu dizer. Na perspectiva da AD, os sujeitos são constituídos pela linguagem, interpelados pela ideologia e afetados pelo inconsciente, de forma que cada uma dessas dimensões exerce “um laço de interdependência que os estrutura solidariamente”. A representação abaixo (LEANDRO FERREIRA, 2010) torna possível a visualização desta relação em que está o sujeito para a Análise do Discurso; se um dos anéis for retirado, os demais perdem a ligação mútua que os constitui.

Figura 1 - Dimensões do Sujeito

Fonte: LEANDRO FERREIRA, 2010

A relação entre sujeito e linguagem se constitui mutuamente, uma vez que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2020). Isso significa que a língua funciona através da “existência de sujeitos históricos nela inscritos, os quais historicizam diferentemente seus dizeres e lhes imprimem sentidos e direções de sentido nem sempre coincidentes. Sentidos estes que não se excluem, que co-existem” (INDURSKY, 2010). Portanto, uma das principais rupturas que a Análise do Discurso propõe no campo linguístico é justamente a de considerar a língua entrelaçada ao sujeito e não mero instrumento do qual ele se apropria ou código que ele aplica para que a comunicação aconteça de forma homogênea e previsível.

Ao mesmo tempo que a língua não existe desassociada do sujeito, este é, para AD, um sujeito descentrado, submetido e assujeitado às condições históricas e sociais e ao seu próprio inconsciente. “O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel da intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui” (LEANDRO FERREIRA, 2010).

A interpelação ideológica ocorre sem que o sujeito perceba e suas práticas discursivas se instauram sob a ilusão de que ele é a origem de seu dizer e de que domina perfeitamente os efeitos de sentido que seu discurso produz. Essa ilusão necessária permite que o sujeito diga o que quer dizer acreditando que aquilo que disse será entendido por quem o ouve tal e qual ele imaginou.

A AD propõe duas formas de esquecimentos, isso porque entende que “os processos de enunciação consistem em uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constituiu pouco a pouco e que tem por característica colocar o “dito” e em consequência rejeitar o “não dito”” (PÊCHEUX e FUCHS, 2014,

p. 175). Nessa perspectiva, o esquecimento número 1 (esquecimento ideológico), que é inconsciente, diz respeito ao processo pelo qual o sujeito passa da ilusão de ser a origem do dizer, o que faz com que ele não tenha percepção de estar inscrito em formações discursivas que o constituem juntamente com os sentidos. O esquecimento número 2 é caracterizado por um funcionamento “pré-consciente” pois produz uma impressão parcial de que aquilo que foi/é dito só pode ser daquela forma, como se houvesse uma “relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo.” (ORLANDI, 2020)

Assim, a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Nesse viés, a ideologia não é considerada ocultação dos “verdadeiros sentidos”, mas sim encadeamento necessário entre linguagem, sujeito e mundo. “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2020, p. 45), uma vez que esta faz parte do processo de constituição dos sentidos, de interpretação das situações discursivas. Por sua vez, a interpretação não acontece simplesmente através de gestos de decodificação, mas sim como movimento de apreensão dos sentidos através da mobilização de memórias e de já-ditos que são retomados em diferentes discursos, “podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos.” (ORLANDI, 2020, p. 46)

Se, para a AD, o sujeito é considerado não em sua individualidade, mas sim em sua posição ocupada no contexto sócio-histórico, então

o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa. Assim, importa se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc. Cada um desses lugares tem sua força na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força. (ORLANDI, 2015, p. 18)

Para explicitar o conceito de posição sujeito de que fala a autora, é importante apresentar a noção de formação discursiva. Isso porque esta é responsável por projetar na linguagem as formações ideológicas, ou seja, identificamos como formação discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito”

(ORLANDI, 2015, p. 20). Dessa forma, as palavras, expressões e proposições não são constituídas por sentidos literais e cristalizados, mas sim através das relações que produzem em formações discursivas ideologicamente marcadas.

É em vista disso – dessa inevitável relação das FDs umas com outras – que elas se constituem de forma heterogênea, com a possibilidade de que, em contato com outras, seus sentidos derivem e instaurem processos internos de contradição, “configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 2020, p. 42). A partir desses movimentos de (re)configuração,

saberes que não fazem parte de uma determinada FD, em um determinado momento e em uma dada conjuntura, passam a integrá-la, aí introduzindo a diferença e a divergência, o que está na origem da constituição heterogênea de qualquer FD. E é aí que as diferentes modalidades de tomada de posição assumem seu papel, produzindo o entrelaçamento entre o mesmo e o diferente, vindo de outro lugar, de outro discurso, de outra FD. (INDURSKY, 2007, p. 168)

Estas modalidades de desdobramento da forma-sujeito representam as possibilidades de heterogeneidade no interior das FDs e são organizadas em três. A primeira, que representa o “bom sujeito” (PÊCHEUX, 2009), consiste em uma identificação plena do sujeito com o saber central da FD, “de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido”” (PÊCHEUX, 2009, p. 199). A segunda modalidade “caracteriza o discurso do “mau-sujeito”, em que o sujeito, através de uma “tomada de posição”, se contrapõe à forma-sujeito” (INDURSKY, 2007, p. 167), ou seja, nesta posição está instaurado um recuo em relação ao “bom-sujeito” que reproduz sem questionar. A terceira modalidade subjetiva, por sua vez, “constitui um trabalho (transformação-deslocamento) da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 201).

Novamente, importa ressaltar que não foram mobilizados todos os conceitos da AD, mas sim aqueles pertinentes para a análise que será exposta no item seguinte no qual está explícita a forma pela qual o arquivo foi construído.

3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Após traçar algumas das noções da Análise do Discurso interessa propor um exercício de análise. Para isso, é importante destacar que o processo teórico-metodológico da AD reflete as percepções que a alicerçam. Assim, não há um modelo de metodologia a ser seguido, passo a passo, pois

tal feito jamais poderia ser parte de um estudo que se situe nesse âmbito dos Estudos da Linguagem, considerando a relativização dos processos de descrição e interpretação do *corpus*, os quais dependem intimamente das condições de produção do discurso. É assim que o método em Análise do Discurso se caracteriza como não pronto, tampouco reproduzível (FERNANDES e VINHAS, 2019, p. 144)

Nesta perspectiva, é sempre de forma entrelaçada que objeto de análise, método e teoria devem ser propostos. “É por isso que somente o *corpus* em análise poderá indicar quais são os elementos teóricos que serão efetivamente articulados no processo dialético entre teoria e análise, entre descrição e interpretação” (FERNANDES e VINHAS, 2019, p. 146). Portanto, para a construção do *corpus* do trabalho analítico proposto aqui, inicialmente delimitou-se o tema de pesquisa e suas condições históricas – para retomar, feminismo em sala de aula e seu o funcionamento durante o período do governo Bolsonaro – para então passar a coleta de material que vai constituir o suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

Além dos recortes provenientes das entrevistas realizadas, serão apresentados também alguns trechos de falas produzidas em diferentes momentos pelo então presidente da república, Jair Bolsonaro. Isto faz com que o *corpus* deste trabalho tenha se constituído a partir de duas vertentes: “*corpora* de arquivo” e “*corpora* experimental” (COURTINE, 2009, p. 77), em que o primeiro é organizado a partir de textos preexistentes que “vêm de uma concepção de arquivo tal como em Pêcheux (2010), isto é, refere-se a uma análise de arquivo documental. Já os *corpora* experimentais são baseados no que podemos chamar, a grosso modo, de coleta de dados” (AIUB, 2012, p. 72).

Com a temática do feminismo em sala de aula definida como algo de inquietude enquanto (futura) professora e a fim de compor o “arquivo experimental” (COURTINE,

2009) deste trabalho, foi elaborado um roteiro¹⁵ com algumas perguntas sobre o tema. Estas perguntas eram direcionadas a professores e professoras de escolas públicas da educação básica. Ao todo foram entrevistados 7 professores¹⁶ tanto de escolas estaduais quanto municipais, todos em atuação na cidade de Farroupilha, RS. Essas entrevistas aconteceram de forma online, através de chamada de vídeo via GoogleMeet, durante o segundo semestre de 2021¹⁷.

As questões iniciais davam conta de contextualizar a situação do sujeito entrevistado em relação à educação; formação acadêmica, disciplinas e nível de ensino em que atua, idade e ano em que se formou e há quanto tempo trabalha como professor. Mais especificamente:

- Qual é a sua área de atuação?
- Em que ano e com qual idade se formou?
- Há quanto tempo atua como professor?

Após realizadas as perguntas acima, na próxima etapa da entrevista com os professores, era projetado na tela do GoogleMeet o enunciado “*Observe esta imagem. O que você pode dizer sobre?*”, junto com a seguinte foto:

Figura 2 - Sara Winter



Fonte: Aleteia ¹⁸

Sara Fernanda Giromini (conhecida como Sara Winter), representada na imagem segurando o cartaz com o dizer “Feminismo é doença, estou curada!”, é uma

¹⁵ Disponível no APÊNDICE 1.

¹⁶ Destes professores entrevistados, foram utilizadas para a construção do arquivo falas de 4 deles.

¹⁷ Ou seja, antes das eleições para presidente que ocorreram em outubro de 2022.

¹⁸ Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2016/03/21/ex-lider-do-grupo-femen-no-brasil-reafirma-o-feminismo-e-o-movimento-mais-intolerante-que-ja-conheci/>

ativista conhecida por ter sido responsável por fundar no Brasil uma célula do grupo feminista radical conhecido como Femen, entre o final de 2011 e início de 2013. Depois de ser acusada de utilizar recursos financeiros do grupo para autopromoção, foi proibida de continuar utilizando o nome Femen. Sara Winter, então, passou a falar do movimento feminista como intolerante, tendo inclusive escrito um livro digital com o título 'Vadia, Não! Sete vezes que fui traída pelo Feminismo'. Nos últimos anos, a ativista vem cada vez mais aliando-se a grupos de direita até que, em 2019, foi nomeada como coordenadora nacional de políticas à maternidade – cargo do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos – sob a gestão da ministra Damares Alves.

A pergunta seguinte trazia a captura de tela de uma notícia publicada no portal Exame, com o seguinte enunciado: Feministas com seios à mostra festejam a saída do Papa¹⁹. Junto à imagem estava a seguinte orientação: *Observe a captura de tela de uma notícia publicada em 12 de fevereiro de 2013, no portal online da revista Exame. Como você se posiciona em relação a esta manifestação de que a notícia trata?*”.

Figura 3 - Captura de tela da notícia mencionada

Feministas com seios à mostra festejam a saída do Papa

As feministas tocaram os sinos com pedaços de madeira, ao mesmo tempo que gritavam em inglês "Pope no more" ("Papa nunca mais")



Fonte: Exame, 2013

O papa de que a manchete se refere é o Bento XVI, e as protestantes traziam escrito em seus corpos frases como “não à homofobia”, “tchau papa” e “papa nunca mais”. Tanto essa chamada de notícia, quanto a imagem de Sara Winter foram

¹⁹ Disponível no link: <https://exame.com/mundo/feministas-com-seios-a-mostra-festejam-a-saida-do-papa/>

inseridas na entrevista para que os professores se manifestassem em relação a elas, tornando possível uma percepção inicial em relação ao Feminismo.

Na sequência, uma terceira imagem é apresentada; ela mostra uma criança no que parece ser um espaço de alguma manifestação, segurando um cartaz com a frase “com mamãe feminista, eu não cresço machista”. Além da imagem, há no slide apresentado, o enunciado: *A imagem ao lado foi encontrada na internet, o que você pensa sobre isto?*.

Figura 4 - Criança com cartaz



Fonte: Vila Materna²⁰

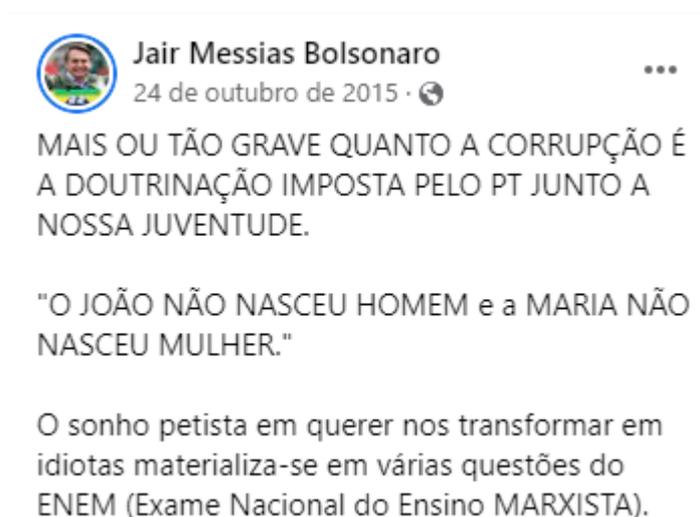
Há, entre grupos conservadores, um imaginário de que debates sobre as relações de gênero são perigosos, uma vez que podem corromper crianças e jovens. Assim, esta imagem funcionava na entrevista para conduzir o sujeito entrevistado a posicionar em relação à mobilização dessas temáticas com crianças.

A quarta questão do roteiro era: *Observe a questão abaixo e os comentários sobre ela, qual é sua opinião?*. Esta pergunta foi elaborada a partir de uma polêmica criada em torno de uma questão do caderno de ciências humanas e suas tecnologias da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2015. A questão propunha um enunciado com a citação de Simone de Beauvoir no livro ‘O segundo sexo’, que dizia “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”. A polêmica se construiu baseada, principalmente,

²⁰ Disponível em: <https://vilamaterna.com/com-mae-feminista-nao-cresco-machista-sera/>

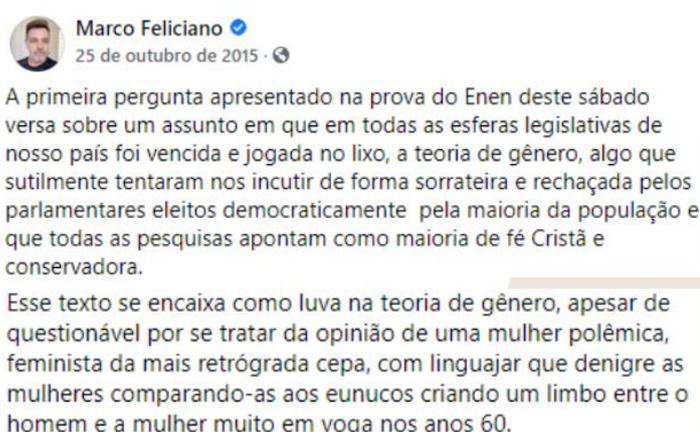
em dois comentários (anexados na entrevista junto com o enunciado da questão do ENEM) feitos por Jair Bolsonaro (então deputado federal) e Marco Feliciano; são eles:

Figura 5 - Postagem de Bolsonaro no Facebook



Fonte: Perfil pessoal de Jair Messias Bolsonaro no Facebook²¹

Figura 6 - Postagem de Marco Feliciano no Facebook



Fonte: Perfil pessoal de Marco Feliciano no Facebook ²²

Estes comentários explicitam a aversão dos sujeitos que constituem o atual movimento de retorno ao conservadorismo e aos ideais ultra religiosos alimentados

²¹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.213527478796246/549506448531679>

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/posts/739248372881851>

por líderes religiosos. Essa questão da entrevista procurava trazer o debate sobre a temática para o nível da educação, uma vez que essa polêmica se deu em torno do Exame Nacional do Ensino Médio feito por jovens de todo o país.

Em seguida, ainda propondo uma relação entre os movimentos de direita, o feminismo e a educação, os sujeitos entrevistados foram instigados a refletir sobre a captura de tela do seguinte título de notícia²³: Filho de Bolsonaro orienta professores a evitarem temas como feminismo. Essa notícia, do portal online do jornal Folha de São Paulo, foi publicada no dia 05 de janeiro de 2019 – logo após o pai do então deputado federal Eduardo Bolsonaro ter assumido o cargo de presidente – e apresenta uma das primeiras iniciativas de membros do governo atual de censura das temáticas feministas em sala de aula.

As duas últimas perguntas da entrevista eram: *‘O que é Feminismo (você se identifica?)’* e *‘Você sente que há receptividade para abordar essa temática em sala de aula?’*. Estas perguntas finais serviram para permitir uma abertura mais direta ao posicionamento dos entrevistados.

A partir dos materiais apresentados, os professores entrevistados expuseram suas impressões sobre o feminismo e, de certa forma, sobre o governo atual. As suas respostas foram gravadas, transcritas e passaram a constituir o arquivo para a pesquisa proposta neste trabalho. Neste passo, chegamos ao momento de “leitura-trituração” (FERNANDES e VINHAS, 2019, p. 146) do material coletado; ou seja, momento de seleção de Sequências Discursivas (SD) que permitam uma análise atrelada ao objetivo deste trabalho. Essas SDs são selecionadas a partir de um gesto de interpretação sobre o arquivo, uma vez que

a Análise do Discurso é fundamentalmente uma disciplina de interpretação e, sendo assim, é pelo gesto do analista que são feitas as análises. É pelo olhar do analista que são recortadas as sequências discursivas de seu corpus, é através deste gesto que é feita a leitura do arquivo (AIUB, 2012, p. 70).

Dessa forma, entre vaivéns constituiu-se o grupo de Sequências Discursivas para a análise. Estas SDs são representativas de posições-sujeitos dentro de uma

²³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/filho-de-bolsonaro-orienta-professores-a-evitarem-temas-como-feminismo.shtml>

Formação Discursiva (FD) determinada. Antes de passar ao processo analítico cabe então, explicitar este conceito de FD. Isso porque

a noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise do Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. (ORLANDI, 2020, p. 41)

Assim, os sentidos, constituídos a partir das formações discursivas em que os sujeitos estão inscritos, são sempre interpelados pela ideologia. Portanto, essa inevitável interpelação ideológica “não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele” (ORLANDI, 2020, p. 41). Isso significa dizer que os sentidos não estão fixados aos signos linguísticos, mas sim disponíveis no interdiscurso²⁴ para serem “agrupados” em formações discursivas. O interdiscurso, então, oferece toda a possibilidade de dizeres que, vão ser colocados em funcionamento quando mobilizados em formações discursivas que existem sempre em relação com outras.

3.3 MOVIMENTO ANALÍTICO

Passando da teoria para o objeto de análise “convém, para começar, determinar a escolha de alguma sequência discursiva como ponto de referência, a partir do qual o conjunto dos elementos do corpus receberá sua organização; nomearemos tal sequência discursiva: sequência discursiva de referência” (COURTINE, 2009, p. 107-108), tomemos, então, as seguintes Sequências Discursivas de Referência de uma Formação Discursiva Conservadora recortadas de falas do então presidente Jair Bolsonaro:

²⁴ “Não há uma essência do sentido. Ele é sempre uma relação que tem a ver com o conjunto de formações discursivas. O conjunto de formações discursivas, por sua vez, forma um complexo com dominante. Esse complexo com dominante das formações discursivas é o que chamamos interdiscurso, que também está afetado pelo complexo de formações ideológicas” (ORLANDI, 2015, p. 20)

SDR1: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora, não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro”.²⁵

SDR2 “Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece.”²⁶

SDR3 “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher.”²⁷

Estas três SDRs foram produzidas por Jair Bolsonaro em diferentes momentos de sua vida pública, mas ganharam ainda mais destaque depois de ele assumir a presidência da república. Podemos aqui fazer um exercício de assumir que essas sequências representam a primeira modalidade de desdobramento do que chamaremos de Formação Discursiva Conservadora, uma vez que as vemos como a forma-sujeito desta FD. Assim, é possível constituir uma delimitação do saber central dessa FD propondo que os sujeitos identificados com ela rejeitam e opõem-se à igualdade de direitos entre homens e mulheres, favorecendo o gênero masculino em detrimento do feminino; acreditam que homens e mulheres devem ter papéis distintos na sociedade, ficando a mulher encarregada dos cuidados do lar e da família, além de estarem submissas a vontade masculina (como objetos dispostos à satisfação alheia), enquanto o homem é responsável pelas decisões financeiras e políticas; julgam mulheres como inferiores aos homens em aspectos físicos, intelectuais e sociais e sustentam a concepção de que mulheres não podem e não devem se portar e ter os mesmos direitos de um homem. Para estes sujeitos, a mulher deve ser/estar sempre subordinada ao homem.

As falas do atual presidente Jair Bolsonaro, transcritas acima, reafirmam este saber sem questioná-lo ou opor-se a ele. A SDR1 compele às mulheres a posição de objetos sexuais disponíveis para um público externo. Enquanto a SDR2 perpetua a chamada cultura de estupro – que envolve todas aquelas atitudes e expressões que,

²⁵ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraiso-gay.html>

²⁶ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-diz-que-nao-teme-processos-e-faz-nova-ofensa-nao-merece-ser-estuprada-porque-e-muito-feia-cjxf8rj3x00cc01pi3kz6nu2e.html>

²⁷ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.html>

de modo sutil ou evidente, servem para reforçar a relativização da violência sexual contra mulheres – reproduzindo ainda um imaginário de que há mulheres que “merecem” ser estupradas, o que está, por sua vez, absolvendo de culpa aquele que comete o crime de estupro.

A SDR3 traduz a percepção enraizada no discurso bolsonarista de que mulheres são seres inferiores aos homens, estão abaixo na escala de importância com a qual eles medem a sociedade. Assim, diríamos que Bolsonaro representa fielmente a forma-sujeito desta Formação Discursiva Conservadora.

As sequências discursivas do atual presidente foram selecionadas a partir de suas falas antes e depois de assumir a presidência e mobilizam sentidos que acabam sendo reproduzidos por seus apoiadores juntamente com a negação de Paulo Freire e com a concepção de que professores não devem ensinar na escola qualquer aspecto da sociedade em que as crianças e jovens estão inseridos. Esses efeitos podem ser percebidos nas sequências discursivas que foram produzidas pelos professores entrevistados para a realização deste trabalho. A fim de manter o sigilo e a confidencialidade dos professores que participaram da pesquisa²⁸, eles serão identificados aqui, respectivamente, como professor B, C, D e G. Além disso, todas as SDs apresentadas aqui foram transcritas mantendo a originalidade da fala dos entrevistados.

Propõe-se, então, aqui – em um exercício de retomada ao objetivo deste trabalho – uma análise que possibilite perceber os efeitos do discurso do atual presidente (através das SDRs apresentadas anteriormente) na prática docente com temáticas feministas. Para isso, mobiliza-se uma segunda FD chamada de Formação Discursiva do Feminismo na Escola²⁹, cujo saber central pode ser delineado a partir do reconhecimento de que existem estruturas que reforçam as desigualdades entre homens e mulheres. Além do reconhecimento de que deve haver uma imprescindível e justa distribuição de condições, direitos e oportunidades entre todos os membros da sociedade, através de movimentos educacionais – sociais e políticos – que possibilitem o desenvolvimento crítico do reconhecimento dos lugares sociais

²⁸ Os docentes entrevistados receberam um termo de consentimento livre e informado (Apêndice 2).

²⁹ A partir das Sequências Discursivas apresentadas logo após a FD que se chegou a este saber central proposto. Apesar disso, no texto, a FD é apresentada antes.

ocupados pelos sujeitos a fim de construir revoluções significativas na estrutura patriarcal vigente.

Durante o desenvolvimento da análise foram selecionadas somente as respostas produzidas pelos professores em relação à última pergunta da entrevista, uma vez que foi esta que possibilitou maior expressão aos docentes entrevistados. Além disso, é importante destacar que são apresentadas abaixo Sequências Discursivas de 4 dos 7 professores pois estas eram SDs representativas do imaginário expresso pelos demais.

Com base no exposto, tomemos as seguintes Sequências Discursivas recortadas da entrevista com a professora B – formada em Letras e docente das disciplinas de língua portuguesa e literatura em uma escola estadual da cidade de Farroupilha, na serra gaúcha – quando ela respondia sobre a existência (ou não) de abertura para trabalhar com a temática do feminismo em sala de aula:

SD1: Logo após 2018, mesmo que inconscientemente, a gente passou a evitar. Eu digo a gente, tanto eu quanto professores que eu converso, que eu conheço. A gente acabou passando a evitar certos temas "polêmicos" em sala de aula, porque é um clima muito complicado. Os adolescentes, de forma geral, eles fazem parte da dualização. Eles entenderam, mais ou menos, o que tava acontecendo naquele momento. Então, até por uma questão de escola, por medo de dar algum problema, se passou a evitar tratar esse tipo de tema, principalmente o tema do feminismo.

SD2: Imagina trabalhar feminismo em uma sala, correndo o risco de, a qualquer momento, um aluno mandar mensagem pro pai vir na escola.

Estas SDs permitem perceber um movimento interno do grupo de professores em não trabalhar com feminismo em sala de aula que tem como fator principal o que aconteceu logo após 2018. Quando a professora menciona que este ‘evitar certos temas’ aconteceu “mesmo que inconscientemente” podemos perceber o funcionamento da ideologia que, de acordo com ALTHUSSER, 1999 (apud AIUB, 2015, p. 105) “leva a agir sozinhos” os indivíduos, sem que haja a necessidade de colocar um policial no pé de cada um” uma vez que “a ideologia dá direcionamento ao gesto de interpretação, ao sentido, ela é o que faz com que a interpretação seja de um modo e não de outro” (AIUB, 2015, p. 105), ela que faz com que os professores, ao interpretarem o discurso bolsonarista, entendam que há ali a instauração de um

movimento de censura. Censura que pode, por sua vez “ser compreendida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas” (ORLANDI, 1942, p. 76).

Esta manifestação de afastamento das temáticas feministas é também visualizável nas SDs abaixo, dos professores D (da área de letras) e G (da área de biologia), respectivamente:

SD3: Quando entrou o Bolsonaro, que eles mandaram que os alunos e as famílias fiscalizassem o que os professores estão fazendo, que era pra filmar, a gente deu uma freada nisso porque, quer queira, quer não queira, a gente fica receoso. Tu não vai, digamos, entrar numa briga que tu sabe que você vai perder.

SD4 Eu tenho tomado um pouco de cuidado com as coisas que eu falo em função desse retalhamento (sic), dessa pressão que a gente tá tendo das famílias que estão seguindo este lado de pensamento do governo que tá aí.

Produzindo uma articulação a partir destas sequências discursivas, podemos entender que, em relação à Formação Discursiva do Feminismo na Escola, estes professores ocupam uma posição-sujeito de contra identificação, que

é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e os sentidos que são próprios à FD que o afeta e, por consequente, se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saberes que ela organiza. O resultado desta contra-identificação faz com que o sujeito do discurso, não mais se identificando plenamente aos saberes que a Forma-Sujeito representa, se relacione de forma tensa com a forma-sujeito. (INDURSKY, 2007, p. 167)

Ou seja, ao declararem que “passaram a evitar” ou que “deram uma freada” na abordagem dessas temáticas, eles não reproduzem a forma-sujeito da FD. Porém, ao mesmo tempo há um implícito de que antes do governo Bolsonaro eles falavam sobre as demandas feministas e, portanto, ao serem cerceados pelo discurso desta figura, uma vez que ele foi eleito presidente, os docentes deixaram de abordar nas escolas estes “assuntos polêmicos”, a fim de protegerem-se de possíveis retaliações por parte das famílias apoiadoras do Bolsonaro. Ou seja, mesmo não reproduzindo a forma-sujeito da Formação Discursiva Feminismo na Escola, eles não passaram a identificar-se com a FD Conservadora; o que os situa na borda, afastados do centro, mas ainda dentro da FD mais progressista.

É perceptível nas SDs dos três professores acima que há uma aguda preocupação com a “pressão” feita pelas famílias dos estudantes, já que estas passaram a assumir um papel de “fiscalização” do trabalho docente. Retomando o PL Escola Sem Partido, podemos perceber uma relação entre a afirmação que o projeto faz sobre ser direito dos pais que seus filhos recebam educação moral compatível com suas próprias convicções e o medo dos professores de sofrerem ataques caso “desrespeitem” esse suposto direito familiar. O Projeto de Lei não foi aprovado, não entrou em vigor, mas ele funciona ideologicamente forçando os professores a silenciar temáticas sociais em sala de aula. Este é o funcionamento da ideologia, “o sujeito não é livre, mas ao mesmo tempo ele não é forçado, no sentido de uma força coercitiva, a agir como age (nos moldes de Althusser), ou a dizer como diz (nos moldes de Pêcheux)” (AIUB, 2015, p. 108).

Em um próximo passo da análise, observemos a SD abaixo produzida pela professora C:

SD5: Eu já trabalhei essa temática, não dando nome. Primeiro, por conta de todo esse histórico que a gente vem vivendo enquanto Brasil. Essas perseguições aos professores. Então, a gente fica até meio receoso de trabalhar determinados assuntos. Já trabalhei feminismo sem dar nome de feminismo, falando a respeito dos acessos.

Esta professora, também da área de Letras, de forma perspicaz, percebendo a tensão a qual a classe docente foi/está submetida, e demonstrando uma profunda compreensão do processo linguístico/ideológico, subverte a estrutura impositiva de não poder falar sobre feminismo (que na verdade, muitas vezes, representa somente um não poder falar a palavra feminismo) e situa-se em uma posição mais centralizada da FD do Feminismo na Escola. Por ter, enquanto docente, percebido os cerceamentos impostos através da pressão produzida pelas famílias apoiadoras do presidente Bolsonaro, este sujeito corrompe a estrutura de censura de modo que os efeitos de sentido do seu “silêncio” são diferentes daqueles produzidos pelos professores que

A censura joga com o poder-dizer impondo um certo silêncio. Entretanto, como o silêncio significa em si, à “retórica da opressão” – que se exerce pelo silenciamento de certos sentidos – responde a “retórica da resistência”, fazendo esse silêncio significar de outros modos (ORLANDI, 1942, p. 85)

Estas diferentes posições nas quais estão inscritos os professores entrevistados e que são representadas por estas Sequências Discursivas permitem perceber os movimentos ideológicos e inconscientes do sujeito através da língua. Para a AD “é ao dizer que se interpreta e, portanto, se produz sentido” (AIUB, 2020, p. 36), isso significa que quando estes professores afirmam não trabalhar com feminismo na escola, isto explicita sua interpretação do momento político atual e, também, produz efeitos de sentido.

Quando as demandas feministas são cerceadas do processo educacional, cria-se um vazio social que passa a ser preenchido com aquilo que há de mais abundante quando se permite que a ignorância vença: preconceitos e violência. Se há, ainda, crimes cometidos contra mulheres por que, simplesmente, são mulheres e por muitos isso significa que são seres inferiores com menos direito à dignidade é, também porque a escola não tem tido espaço para possibilitar que esses preconceitos arraigados à estrutura patriarcal dominante sejam desconstruídos.

Dessa forma, enquanto houver governos que cerceiem os professores, é essencial que, assim com a professora C, os professores movimentem-se através das palavras para dizer sem dizer. Assim, se “o não-dito é constitutivo do dizer” (GADET e PECHÊUX, 2004 apud AIUB e RODRIGUES, 2019), ele também produz sentidos. Portanto, se há um discurso que ataca as mulheres, sejamos possibilitadoras da conscientização que rompe a estrutura dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta neste trabalho é uma das possibilidades de leitura deste arquivo construído a partir das pesquisas e entrevistas realizadas. Uma vez que o objetivo inicial se constituiu em uma tentativa de entender como o discurso de Jair Bolsonaro e membros do seu governo afetam as práticas docentes com temáticas feministas, importa pontuar algumas reflexões possíveis.

Inicialmente é necessário reafirmar que o movimento analítico desenvolvido no capítulo anterior só foi possível através da filiação deste à Análise do Discurso. O entrelaçamento entre língua, história e ideologia que a AD propõe é a base necessária para que os efeitos de sentido das Sequências Discursivas analisadas pudessem ser considerados em suas relações com o funcionamento do processo educacional. Se a língua fosse tomada aqui como um código a ser aplicado, seria somente possível afirmar que Bolsonaro aplica este código como todos os demais brasileiros e que essa “utilização” da língua serve para comunicar, portanto, está completa e encerrada em si própria.

Além disso, para esta pesquisa entende-se que a docência não é, não deve ser, mera apresentação de conteúdos arbitrários que não estão associados a realidade. Se assim fosse, ela não tornaria possível ao estudante “distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo” (FREIRE, 2021a, p. 37), ou seja, conhecer o que é diferente de si, o que é diferente da sua realidade. E este ‘desconhecer o outro’ implica em um desconhecimento da sua própria condição enquanto sujeito. Por isso que forçar os educadores a trabalhar conteúdos e conceitos sem permitir o desenvolvimento das reflexões sociais que, conseqüentemente, possibilitam a construção da criticidade é impedir que as crianças e jovens pensem sobre o mundo e sobre seu lugar no mundo. O que, por sua vez, imobiliza estes sujeitos de agir em favor de mudanças sociais que constituam uma sociedade igualitária.

Para além de identificar que a classe docente foi cerceada enquanto sujeitos históricos e ideológicos – e que foram/estão sendo forçados a assumir uma postura “neutra” e conteudista – este trabalho pôde perceber um movimento (sútil e ao mesmo tempo potente) do professor que, entendendo a problemática situação na qual está inserido, subverte através da linguagem o silêncio imposto. Este sujeito que trabalha

com as temáticas feministas em sala de aula sem dar o nome, além de representar a infeliz condição de não poder falar sobre aquilo que é necessário, demonstra também a lucidez de quem resiste. Afinal, se o problema é a palavra feminismo não a digamos, por enquanto, mas falemos ainda sobre (des)igualdade de direitos e oportunidades, sobre combate à violência e tantos outros temas caros ao movimento feminista.

“Hoje você é quem manda

Falou, tá falado

Não tem discussão, não

A minha gente hoje anda falando de lado

E olhando pro chão, viu

Você que inventou esse estado

E inventou de inventar

Toda a escuridão

Você que inventou o pecado

Esqueceu-se de inventar

O perdão

[...]

Apesar de você

Amanhã há de ser outro dia

Inda pago pra ver

O jardim florescer

Qual você não queria

Você vai se amargar

Vendo o dia raiar

Sem lhe pedir licença

E eu vou morrer de rir

Que esse dia há de vir

Antes do que você pensa

Apesar de você

(Apesar de você

Amanhã há de ser outro dia)

Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente
Apesar de você
Apesar de você
Amanhã há de ser outro dia”
(BUARQUE, 1978b)

REFERÊNCIAS

ADAMS, A. "**Remember the Ladies**" letter. Braintree: [s.n.], 1776. Disponível em: <<https://history.hanover.edu/courses/excerpts/165adams-rtl.html>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

AIUB, G. F. Arquivo em Análise do Discurso: uma breve discussão sobre a trajetória teórico-metodológica do analista. **Leitura**, Maceió, 2, jul/dez 2012. 61-82. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1149>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

AIUB, G. F. Quando o sujeito fal(h)a: reflexões a partir das noções de ideologia e formação discursiva. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, 9, 2015. 104-119. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/28830/>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

AIUB, G. F. **Efeitos da Corporeidade Discursiva**: o sujeito no entremeio das línguas (materna e estrangeira). 1. ed. Campinas: Pontes, 2020.

AIUB, G. F.; RODRIGUES, C. Z. O sujeito em movimento: processos de identificação, língua materna e língua estrangeira. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, 19, jan./abr. 2019. 193-208. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ld/a/wKgxx3PVFHMn5pDN466dyz/?lang=pt>>. Acesso em: 02 dez. 2022.

AVILA, S. S. D.; VINHAS, L. I. Lixo, vagabunda, piranha, puta e louca: efeitos de sentido e determinações discursivas em relatos de mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, 16, 2022. 154-172. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/37598>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

AZEVEDO, R. O que é sexismo e porque ele é uma ameaça à equidade de gênero. **Hypeness**, 30 set. 2021. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2021/09/o-que-e-sexismo-e-porque-ele-e-uma-ameaca-a-equidade-de-genero/>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

BOLSONARO, J. M. **O Caminho da Prosperidade**. Brasília: [s.n.], 2018. Disponível em:

<https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRASIL. **Projeto de lei da Câmara nº 867, de 2015**. [S.l.]: [s.n.], 2015.

BUARQUE, C. **Cálice**. [S.l.]: [s.n.], 1978a.

BUARQUE, C. **Apesar de você**. [S.l.]: [s.n.], 1978b.

CÁSSIO, F. Desbarbrizar a educação. In: (ORG.), F. C. **Educação contra a barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORACINI, M. J. R. F. A celebração do outro. In: CORACINI, M. J. R. F. **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. p. 197-221.

COURTINE, J.-J. **Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DUARTE, C. L. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, H. B. D. **Pensamento Feminista Brasileiro**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 25-47.

FERNANDES, C.; VINHAS, L. I. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da análise do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, 19, jan/abr 2019. 133-151. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/issue/view/305>. Acesso em: 03 jan. 2022.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 45ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 51ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

HADDAD, F. Prólogo. In: CÁSSIO, F. **Educação contra a barbárie [recurso eletrônico]**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INDURSKY, F. Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: LEANDRO FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: claraluz, 2007. p. 163-172.

INDURSKY, F. Estudos da linguagem: língua e ensino. **Organon**, Porto Alegre, 24, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28637>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LEANDRO FERREIRA, M. C. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, jan/jun 2010. 17-34. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174068>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MCCANN, H. **O livro do feminismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1942.

ORLANDI, E. P. Introdução. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Discurso e Textualidade**. 3ª. ed. Campinas: SP, 2015. p. 9-12.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e Parâmetros. 13ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. 4ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 5ª. ed. Campinas: Unicamp, 2014. Cap. IV, p. 159-249.

ZIRBEL, I. Mulheres na Filosofia. **Blogs UNICAMP**, 2021. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>>. Acesso em: 16 Fevereiro 2022.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Perguntas para as entrevistas

Entrevista TCC

Informações Gerais

- 01 | Área de atuação (disciplina e nível de ensino)
- 02 | Idade e ano em que se formou
- 03 | Tempo de serviço como professor

1. Observe esta imagem:



O que você pode dizer sobre a imagem?

2. Observe agora esta captura de tela de uma notícia publicada em 12 de fevereiro de 2013, no portal online da revista Exame:

Como você se posiciona em relação a esta manifestação de que a notícia trata?

Feministas com seios à mostra festejam a saída do Papa

As feministas tocaram os seios com pedaços de madeira, ao mesmo tempo que gritavam em inglês "Pope no more" ("Papa nunca mais")

Por De Brasília

Atualizado em 12/02/2013 às 19:08

30 segundos de leitura





3. A imagem ao lado foi encontrada na internet, o que você pensa sobre isto?

4. Em 2015, no caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias da prova do ENEM, foi proposta uma questão com o seguinte cabeçalho:

QUESTÃO 42

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

4.

**Jair Messias Bolsonaro**

24 de outubro de 2015 · 🌐

...

MAIS OU TÃO GRAVE QUANTO A CORRUPÇÃO É
A DOCTRINAÇÃO IMPOSTA PELO PT JUNTO A
NOSSA JUVENTUDE.

"O JOÃO NÃO NASCEU HOMEM e a MARIA NÃO
NASCEU MULHER."

O sonho petista em querer nos transformar em
idiotas materializa-se em várias questões do
ENEM (Exame Nacional do Ensino MARXISTA).

(<https://www.facebook.com/jairmessiasbolsonaro/photos/a.213527478796246/549506448531679/>)

4.

**Marco Feliciano** ✓

25 de outubro de 2015 · 🌐

A primeira pergunta apresentado na prova do Enem deste sábado versa sobre um assunto em que em todas as esferas legislativas de nosso país foi vencida e jogada no lixo, a teoria de gênero, algo que sutilmente tentaram nos inculcar de forma sorrateira e rechaçada pelos parlamentares eleitos democraticamente pela maioria da população e que todas as pesquisas apontam como maioria de fé Cristã e conservadora.

Esse texto se encaixa como luva na teoria de gênero, apesar de questionável por se tratar da opinião de uma mulher polêmica, feminista da mais retrógrada cepa, com linguajar que denigre as mulheres comparando-as aos eunucos criando um limbo entre o homem e a mulher muito em voga nos anos 60.

(<https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/posts/739248372881851/>)

4. Qual é a sua opinião sobre a questão proposta e os comentários mostrados?

5. De acordo com uma reportagem de 05 de janeiro de 2019, no jornal online Gazeta do Povo, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL) postou em suas redes sociais uma orientação aos professores do ensino médio do país sobre o que eles devem ensinar a seus alunos. O que você acha sobre?

Filho de Bolsonaro orienta professores a evitarem temas como feminismo

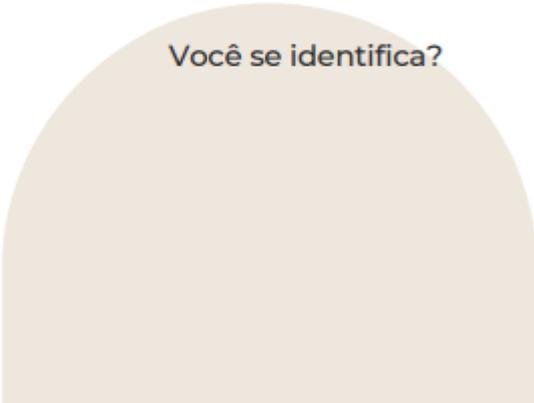
Deputado Eduardo Bolsonaro (PSL) diz por meio das redes sociais que alunos que começarão o ensino médio neste ano vão fazer vestibular "sob a égide de pessoas da estirpe de Murilo Resende", novo coordenador do Enem

Brasília, FolhaPress - 05/01/2019 14:53



6. O que é Feminismo?

Você se identifica?



7. Você sente que há receptividade para abordar essa temática em sala de aula?



Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e informado

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL
Campus Feliz
Curso Superior de Licenciatura em Letras

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Eu, _____,
portador(a) do RG nº, _____, ciente de minha participação
nesta pesquisa do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, autorizo a gravação
de minha conversa sobre movimentos feministas e sua relação com a prática
docente e o processo de ensino, desde que minha identidade seja preservada.

Esta gravação, realizada sob a responsabilidade de Juliana
Schreiner, será uma ferramenta essencial para esta pesquisa que terá como base
a Teoria da Análise do Discurso. Outrossim, a pesquisa resultará em um
trabalho de conclusão de curso, cuja defesa será pública e ocorrerá no primeiro
semestre de 2022, uma vez que se constituiu requisito para obtenção do título
de licenciada em Letras, ficando a estudante encarregada de sua ampla
divulgação. Esta pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Giovani Forgiarini Aiub, da
mesma instituição.

_____/_____/_____
Local, data

assinatura

Estudante: Juliana Schreiner
Contato pelo e-mail: juliana.schreiner@aluno.feliz.ifrs.edu.br